

TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO EM GOIÁS: AS MOBILIZAÇÕES CONTRA O RACISMO¹

Gabrielle Andrade da Silva*
Cleito Pereira dos Santos**

Introdução

O presente artigo tem como objeto a análise acerca do movimento negro. Contudo, trata-se de um movimento social muito extenso, com diversas ramificações² e objetivos que podem ser variantes. Logo, o que se propõe é estudar o Movimento Negro Unificado (MNU) em Goiás, que foi fundado em 21 de março de 1986 e registrado em cartório somente em 1989.

Para a necessidade de se organizar enquanto um movimento social, em Goiânia existe um número significativo de população negra e condições específicas de racismo. Salienta-se, ainda, que em Goiás pouco mais de 55%³ da população se declara como negra⁴, isto é, a maioria da população que é acometida pelo racismo o qual se manifesta na capital goiana principalmente pela segregação territorial. Segundo Ferreira (2014) a negritude que vive em Goiânia mora em regiões periféricas com pouca infraestrutura, ou seja, em espaços segregados socialmente.

Diante desse contexto, o problema que a pesquisa reflete é sobre as mobilizações do MNU contra o racismo no estado de Goiás, durante o período da redemocratização do Brasil até o início do século XXI. Para atender a esse problema, a abordagem utilizada foi a qualitativa, que é indicada para pesquisa de movimentos sociais, pois, as estratégias de investigação e os métodos são fundados na coleta e análise de dados qualitativos – via textos e imagens. Com intuito de trazer essa abordagem para o trabalho aqui realizado, foram utilizadas fotografias das atuações do movimento negro e artigos em jornais, com a finalidade de investigar a trajetória do MNU - GO (CRESWELL, 2010).

¹ O presente artigo representa parte da pesquisa realizada no mestrado da autora sob orientação do co-autor.

* Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás/UFG, doutoranda em Sociologia pela Universidade de Brasília/UNB e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Movimentos Sociais/NEMOS/UFG. E-mail: gabrielleads@hotmail.com

** Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás/UFG e pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Movimentos Sociais/NEMOS/UFG. E-mail: cleitops@hotmail.com

² Para Viana (2015) os movimentos sociais têm ramificações, ou seja, o MNU não é movimento negro em sua totalidade, mas sim uma parte do todo.

³ Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2005.

⁴ É importante salientar que a pesquisa é realizada por meio da autodeclaração e para inferir-se um percentual de população negra, inclui-se pretos e pardos. Além disso, é importante destacar que houve uma campanha do MNU-GO em 1991 a fim de conscientizar a negritude sobre como responder as perguntas do censo e fazerem a auto declaração como pretos ou pardos.

Para tanto, foram realizadas entrevistas, e antes de executá-las em si, houve a aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás. Assim, o trabalho de campo⁵ foi responsável por coletar as informações inéditas sobre o MNU, em específico a ramificação goiana. A técnica de análise das entrevistas e dos documentos, foi a análise de discurso. De acordo com Gill (2015) o analista de discurso deve se atentar a forma como a linguagem é empregada e ser sensível a aquilo que não foi dito. Para tanto, deve-se ser cuidadoso com as tendências e o contexto social, político, cultural do entrevistado.

Movimento negro unificado em Goiás

O Movimento Negro Unificado é um movimento nacional e, portanto, têm diretrizes e programas de ações estabelecidos em congressos nacionais com militantes de todo o Brasil. Evidentemente havia uma margem de liberdade para atuação das seções do MNU, já que cada estado tinha diferenças no momento vivenciado pela luta contra o racismo.

Ora, então não havia divergências na forma como o racismo se expressava? Dentre os questionamentos feitos nas entrevistas estava a compreensão sobre o racismo no estado de Goiás e de acordo com a maioria dos sujeitos da pesquisa existe uma unidade na forma como o racismo se expressa nacionalmente, embora em algumas falas distinções do cenário goiano tenha sido apontado:

(...) Goiás estava muito atrasado na questão da discussão racial. A palavra “negro” era algo evitado, negado, né? Coisas muito simples que hoje é óbvio pra todo mundo e que já era óbvio em vários lugares do Brasil, em Goiás ainda não. O cabelo ainda era ruim, todo mundo era no máximo moreno, o negro ainda tinha a alma branca, o negro do cabelo bom ainda tinha a alma branca. Então, coisas que já estavam avançadas em outros lugares aqui em Goiás ainda não, então o processo foi lento, mas, começamos agregando cada vez mais foi chegando gente e fortalecendo (entrevistada 7, janeiro de 2018).

A entrevistada 7, conta na fala acima sobre a conjuntura a qual o MNU-GO se formou. Percebe-se que as diferenças da conjuntura brasileira face à goiana, se dão porque em alguns lugares do país pautas da negritude já tinham sido debatidas de formas mais insistentes e amplas. Logo, aqui na década de 1980 ainda era necessário explicitar nas universidades e mídias a existência do racismo, que ainda nessa época era negado. No Censo de 1991, por exemplo, foi necessário o MNU fazer uma campanha para que a

⁵ O trabalho de campo de iniciou no mês de maio do ano de 2018 logo após a publicação da liberação da pesquisa por parte do Comitê de Ética.

população se declarasse como negra e não “morena, chocolate, mulata” (MNU-GO, 1991).

Durante a pesquisa de Campo foram coletados panfletos de conscientização da auto declaração racial distribuídas pelo MNU na Bahia e em Goiás. Existem diferenças entre o conteúdo dos panfletos, que demonstram a diferença nas conjunturas raciais da Bahia com Goiás, no material baiano ressalta a importância das raízes negras, orgulho racial e foi produzido conjuntamente entre o MNU-BA, Negros do Partidos dos Trabalhadores (PT) e o Movimento da Conscientização Negra (MCN). Já o panfleto distribuído pelo MNU-GO tem um texto focado em esclarecer quais as raças catalogadas pelo IBGE e foi produzido somente pelo MNU.

Diante disso, ressalta-se que a percepção racial em Goiás naquele momento se distinguia da conjuntura baiana. A entrevistada 7 traz o seu entendimento pessoal e acadêmico acerca do racismo em Goiás, que é pertinente, já que evidencia a forma oculta como o racismo opera aqui: “então, eu acho que o racismo em Goiás... ele é miudinho, cotidiano, entrelinhas, não é?”. E essa forma dissimulada em que opera o racismo por aqui é que faz com que seja extremamente cruel.

Já a entrevistada 2, quando questionada, trouxe as características da forma como o racismo opera em Goiás:

Nossa de forma muito cruel, nós vivemos em um estado racista, machista, homofóbico, careta, aqui as pessoas são atrasadas elas acham que quem manda aqui tem... pra mandar no estado de Goiás tem que ter sobrenome. Aí você pode perceber os nomes que estão nos hospitais, os nomes que estão nas praças, nos viadutos, são os donos da... os donos de campinas determinada parte é...do mundo, os donos do centro, os donos da... Sabe? Aí você vem com esse conjunto todo de pessoas que se você listar você vai perceber quem manda na cidade de Goiás, quem manda na cidade de Pirenópolis, quem manda em Caldas, os polos que nós temos, eles mandam. Então nós vivemos em um país em que as pessoas acreditam nisso até hoje, viver isso é uma coisa, agora acreditar nisso o tempo todo é perverso. E a gente tem uma relação muito ruim porque as pessoas encaram os negros no estado de Goiás, que são muitos, não são poucos, mas é como se eles pudessem só desenvolver atividades no campo do esforço físico. Então você tem um estado racista, estado que mata negros, um estado que coloca as mulheres negras em determinados locais e não tira é essas mulheres brancas da sociedade rica acha que nós somos só empregada doméstica e por aí vai. Então é um país que faz coro com... é um estado que faz coro com outros estados, mas o racismo aqui se manifesta igual ou pior do que em outros grandes centros. Mas é perverso, e de forma que a gente precisa denunciar sim (Entrevistada 2, setembro de 2017).

Um ponto interessante dessa fala é que a entrevistada destaca outras formas de opressão intrincadas na sociedade goiana. Ademais, apresenta que as cidades em Goiás costumam ter “donos”, ou seja, pessoas e/ou famílias que ditam as regras há muitos anos. Outro aspecto do racismo goiano que ela destaca em sua fala é sobre a questão dos locais

os quais o negro deve ocupar na sociedade relacionado a estereótipos que os conectam com o trabalho braçal.

Observe, nesses pontos a conjuntura goiana não diverge da brasileira. E assim, mais uma vez o que diferenciara a experiência em Goiás do restante do país é a forma como a resistência se organizou e inseriu os debates sobre relações raciais nas outras camadas da sociedade. O que não significa que o racismo era algo indiferente, sobretudo, para a negritude goiana:

Apesar da gente ter essa percepção sofrendo no dia a dia, mas a gente não tinha a dimensão de que somente nos organizando é que a gente poderia avançar e dar respostas a esse tratamento racista da sociedade. Eu fui perceber isso a partir do momento em que eu fui pra Goiânia e lá tomando conhecimento de ações, de outros negros, principalmente na universidade, eu ainda não estava na universidade mas convivia muito com universitários, e... isso acabou ganhando corpo com o surgimento do Movimento Negro Unificado em Goiás, especialmente em Goiânia (entrevistado 6, janeiro de 2018).

A resposta acima evidencia um ponto que será muito importante para compreender a forma como o movimento negro unificado foi formado. O entrevistado 6 destaca que começou a ter contato com o debate sobre relações raciais no ambiente universitário, por ser um dos fundadores do MNU-GO, constata-se que o debate que originou esse movimento se inicia no ambiente acadêmico, em específico, na antiga Universidade Católica de Goiás (UCG), atual Pontifícia Universidade Católica (PUC).

Finalmente, entende-se que os militantes do MNU-GO foram pioneiros no que tange o debate sobre racismo nas universidades goianas. Isso porque ainda que o racismo estivesse presente nesse estado tanto quanto no restante do país, o debate sobre relações raciais ainda era incipiente.

Quem foram os militantes do MNU-GO?

Inicialmente, é importante compreender como se deu a formação do MNU-GO, para tanto, é necessário trazer aqui o relato de uma de suas fundadoras, entrevistada 7:

Quando... em 1985, eu acho... aquela música nega do cabelo duro estava no auge do sucesso, nós [Silvany e Dionísio⁶] tomamos o conhecimento de uma organização do movimento negro no DF através do jornal Correio Braziliense, que tinha uma matéria criticando um grupo de negros que tinha jogado latinhas no cantor que havia cantado essa música, e aí a matéria era depreciando a atitude daquele grupo de negros, pra gente aquilo era: Poxa, é o que nós estamos procurando. Então, fiz alguns contatos com pessoas que eu conhecia em Brasília e fui pra lá pra conhecer esse grupo, que era um grupo do MNU. Então, tivemos... fui sozinha, fiz contato com eles Graça, Jacira, Nelson

⁶ Um dos fundadores do MNU-GO, é nacional da América central, e por isso teve acesso a diversos livros sobre o racismo produzidos nos Estados Unidos e apresenta essa bibliografia a entrevistada 7 e os demais membros que viriam a se juntar ao MNU-GO.

Inocência, professor hoje na época era do MNU, não sei se ainda é. E desse contato a gente fez um acordo de que um deles viria a Goiânia fazer uma palestra e uma reunião com um grupo maior. Então, cheguei em Goiânia e comecei a tentar a mobilizar pessoas para essa palestra, essa reunião e era extremamente difícil, não havia uma percepção dos negros do racismo e como o elemento que de exclusão que limitava sua inserção na sociedade, seus direitos. Então, era meio que a gente assediando as pessoas na rua, panfletinho, na mão na bolsa e todo mundo que a gente encontrava chamando pra reunião, pro encontro e aí veio, vieram duas pessoas de Brasília pra conversar conosco, fizemos uma reunião nessa época com umas 12 pessoas e dessas 12 já ficam umas 4 que começam a se reunir semanalmente a estudar, conversar porque essa é uma época que a gente não tinha fonte alguma de informação sobre a questão racial a não ser que a gente buscasse por si próprio. Eu estudava psicologia, eu mudei pra história querendo conhecer mais sobre a história do negro e a gente não tinha.

Por meio do relato da entrevistada 7, pode-se constatar a forma como se constituiu o Movimento Negro Unificado do Estado de Goiás. O MNU-GO foi fundado então em 21 de março de 1986 e registrado em cartório somente em 1989. Surge diante da inquietação de estudantes, primeiramente da UCG e depois da Universidade Federal de Goiás (UFG). Esses estudantes, que sempre perceberam o racismo no seu dia a dia, passaram a ter contato inicialmente com material de pesquisas científicas acerca do racismo e depois com outros grupos de movimentos negros brasileiros, em específico MNU-DF.

Além de universitários cabe dizer que o MNU-GO tem uma formação majoritariamente feminina. Ainda que tenha tido uma participação significativa de mulheres, diante das dificuldades para encontrar e entrevistar militantes, foram realizadas quatro entrevistas com homens e três com mulheres, o que não reflete a realidade no MNU-GO, já que as declarações são de que a presença feminina no movimento era preponderante, inclusive em cargos de decisão.

O fato de ser um movimento constituído inicialmente e majoritariamente por estudantes universitários não significa que era um movimento de classe média ou alta. Isso porque, de um modo geral, os entrevistados ressaltaram que existiam dificuldades para se manter na universidade. Além de eventuais problemas para custear a faculdade outro fator desanimador era a presença mínima de negros em cursos superiores naquele momento, e em consequência disso a sensação de não pertencimento.

Em decorrência das insatisfações com o ambiente acadêmico, as primeiras discussões se deram no espaço da UCG, universidade onde a fundadora do MNU-GO cursava primeiro estudos em psicologia e depois em história. A UCG, para apoiar o MNU-GO, cedeu uma sala na qual se realizavam as reuniões. Outrossim, houve a inserção, ainda que tímida, do tema relações raciais na UCG.

O apoio da UCG foi além de ceder a sala para reuniões do MNU-GO, houve também a impressão de cartazes e panfletos, bem como a promoção de eventos em conjunto. Dentre as ações promovidas pelo MNU-GO e UCG está a campanha “Basta de Racismo” que traz a ideia o seguinte texto: “ 372 anos de escravidão; 100 anos de ‘Abolição’; 472 anos de opressão. Basta de Racismo! ”. Esse texto faz alusão a ideia defendida pelo MNU de que houve uma falsa abolição, posto, que a opressão contra a negritude permaneceu.

Para chamar militantes para o MNU-GO, os membros do movimento faziam panfletagem na praça universitária. E nesse contato com pessoas negras fora do meio acadêmico fez que a necessidade de expandir as ações mobilizadoras do MNU-GO para fora da universidade se tornasse urgente e aí surgem outras pautas, fora da UCG, na periferia de Goiânia.

Para contatar moradores da periferia, o MNU-GO contou com o apoio de dois militantes que os colocaram em contato com a Ocupação Emílio Póvoa. Ademais, o MNU atuou junto aos quilombos como Kalunga e Palmeiras. Fica evidente que para a juventude que impulsionou as ações mobilizadoras do MNU-GO, a questão da identificação racial os tornou solidários aos problemas que originariamente não eram seus, pois, tinham em mente que somente organizados poderiam combater a desigualdade racial no estado.

Pode-se dizer que o fato da maioria do MNU-GO não estar em áreas de riscos, ou, em periferias da capital goiana não limitou sua atuação. Bem como o fato de ser um movimento constituído originalmente por universitários não fez com que a população negra os rechaçasse, já que através das ações do MNU-GO, muitos indivíduos negros, que até então não tinham suas pautas em debate passaram a integrar a luta organizada.

Cabe destacar que alguns militantes tiveram acesso à universidade através dos cursos de formação propostos pelo MNU-GO. Dentre as falas colhidas nas entrevistas, a entrevistada 1 destaca que se não integrasse o movimento talvez não soubesse como era o universo acadêmico, ressalta também que teve todo o apoio por parte dos militantes na universidade, onde estudou história, a fim de conhecer as origens da negritude brasileira.

Outra característica do MNU-GO é que a maioria dos militantes atualmente são professores ou possuem curso de licenciatura. Dos sete entrevistados quatro são licenciados em história, uma em pedagogia e apenas dois tem outras formações. O quadro de militantes aspirantes a professores inicialmente e depois dedicados a educação é refletido na forte atuação do MNU-GO em cursos de formação junto a população negra como veremos em suas ações mobilizadoras.

Por fim, percebe-se que o perfil dos militantes do MNU-GO influenciou diretamente nos repertórios⁷ utilizados por essa ramificação do movimento negro. Além disso, vale destacar que a conjuntura das relações raciais em Goiás exigiu que houvesse em um primeiro momento um trabalho de base, tanto na conscientização, quanto na necessidade de captar mais militantes.

Ações mobilizadoras e conquistas do MNU Goiás

Por ser um movimento nacional e unificado, ainda que reconheça as divergências regionais, existia um modelo de estatuto e programa de ações para todas as seções do MNU. Antes de introduzir a discussão sobre as ações mobilizadoras do MNU-GO é imprescindível apresentar alguns pontos do estatuto e do programa de ações.

As diretrizes eram dadas pelo Programa de Ação. No acervo pessoal do sujeito de pesquisa, entrevistado 6, constava o programa aprovado no IX Congresso Nacional do MNU, que elenca as prioridades de luta para as seções:

- 1 – Por um movimento negro independente.
 - 2 – Pelo fim da violência policial e contra a “indústria” da criminalidade.
 - 3 – Pelo fim da discriminação racial no trabalho.
 - 4 – Por uma educação voltada para interesses do povo negro e de todos os oprimidos.
 - 5 – Pelo fim da manipulação política da cultura negra.
 - 6 – Contra a exploração sexual, social e econômica da mulher negra.
 - 7 – Pelo fim da violência racial nos meios de comunicação.
 - 8 – Pela solidariedade internacional da luta de todos os oprimidos.
- (MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO, p.3, 1990).

Assim a agenda de lutas das seções do MNU, tinha as prioridades determinadas pelo programa de ação. Além de elencar as pautas prioritárias, o programa explica cada um dos itens e o porquê de ser diretriz da luta do movimento naquele período, o que o torna também um manifesto com esclarecimentos acerca dos problemas enfrentados pela população negra brasileira.

Já o Estatuto do MNU (1986)⁸ no artigo 4º, se definia como um: “movimento reivindicativo e autônomo, sem distinção de raça, sexo, instrução credo religioso ou político”. Ademais, nos artigos 5º e 6º estavam elucidadas as finalidades do movimento que era combater o racismo em qualquer circunstância ou local, lutar contra a discriminação racial e promover intercâmbio com movimentos negros de outros países.

⁷ Os repertórios de ação são a expressão da interação entre os atores dos movimentos sociais com os demais setores da sociedade. (MCADAM, TARROW, TILLY, 2009)

⁸ O modelo de estatuto disponível no acervo de documentos que tive acesso está danificado e não tem o ano de sua elaboração, por isso, aqui será adotado o ano de 1986, o qual foi realizado o registro desse em cartório de pessoas jurídicas.

Essas determinações trazem de maneira ampla a direção que o MNU-GO deveria seguir para organizar suas mobilizações. De uma forma mais específica, o artigo 22 do Estatuto do MNU (1986) aponta as atribuições da coordenação estadual e aí tem algumas atividades que devem ser promovidas por cada seção, como participar do Congresso Nacional do MNU e colocar em prática as políticas ali estabelecidas, organizar pelo menos duas vezes por ano Assembleias estaduais em conformidade com as necessidades locais.

Essas foram as diretrizes estabelecidas pelo MNU nacional que deveriam ser respeitadas no período de sua formação até meados da década de 1990. Então, diante das diferenças regionais, do perfil dos militantes goianos e com as orientações da coordenação nacional, o MNU-GO passa a organizar atividades diversas principalmente da capital do estado.⁹

Diante disso e do perfil de boa parte dos militantes do MNU-GO, é possível presumir alguns dos repertórios empregados na luta contra o racismo nesse estado. Por meio das entrevistas, da análise de documentos e fotos coletados se compreendeu quatro ações principais desse movimento: atuação junto à ocupação Emílio Póvoa, cursos de formação, atividades culturais, mobilizações em quilombos.

Cursos de formação e seminários

A princípio, a discussão será sobre forma como os militantes ingressavam no MNU-GO: cursos de formação. A entrevistada 2 (2017) afirma que haviam cursos preparatórios para ser membro do MNU-GO, além de avaliações, debates, seminários. Além de ser um grupo constituído por muitos aspirantes à docência, havia no MNU, de um modo geral a preocupação com a conscientização da população negra, por isso seus jornais, circulares e panfletos eram repletos de debates fundamentados teoricamente sobre o racismo, ainda que apresentados, por hora, com uma linguagem mais simples.

Para evidenciar o caráter informativo, com debates refinados, dos textos produzidos MNU-GO, abaixo apresenta-se um trecho de uma circular produzida pelo movimento. Pode-se observar no texto, acerca da conjuntura econômica e as perspectivas políticas do MNU, vários elementos e conceitos que marcam o discurso como acadêmico. Por exemplo:

A especificidade da nossa luta contra o racismo, a segregação social e econômica deve ser compreendida relacionando com a luta por uma sociedade

⁹ As atuações no interior foram, de acordo com o conteúdo coletado, principalmente envolvendo os quilombos.

plurirracial. A perspectiva do MNU é a mais ampla possível, principalmente, se formos capazes de acirrar a luta dos negros contra a ordem racista e levar adiante a nossa auto-organização para combater de maneira eficaz a secular opressão do negro e assim construir uma verdadeira democracia racial, numa sociedade plurirracial (SANTOS, s/d, p.2)

Esse trecho, é colocado após uma análise acerca da conjuntura econômico-social com diversos termos acadêmicos. Dentre os termos usados pelo autor estão, por exemplo, a definição da economia da União Soviética como capitalismo de estado e não socialismo, como comumente é definido.

Além de debates refinados em textos, panfletos, houve o volume único do jornal produzido pelo MNU-GO, denominado “NEGRO”. Diversos debates colocados no jornal estavam alinhados com os questionamentos levantados pela coordenação nacional (violência racial), e também com movimentos negros internacionais (matéria sobre o caso Nelson Mandela). Todavia, era um jornal goiano e por isso conversou com personalidades desse estado (Padre Dário Ferreira da Silva¹⁰) e apresentou situações da negritude de Goiás (matéria sobre os quilombolas Kalunga, inclusive essa é a reportagem de capa).

A entrevista com o padre Dário traz reflexões importantes sobre racismo e a Teologia da Libertação. Esta mesma entrevista tem uma foto do Padre Dário com Dom Elder Câmara. Padre Dário durante a entrevista fala sobre a necessidade de combater o discurso da Democracia Racial, a dificuldade da Igreja em dar a palavra ao negro bem como episódios de racismo no exercício do sacerdócio, por exemplo, o espanto de noivas ao se depararem com um padre negro. (MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO GOIÁS, 1988)

Nesse sentido, as discussões propostas pelo MNU-GO vão ao encontro das prioridades estabelecidas pelo programa de ação nacional, acrescentando ainda a questão dos quilombolas. Nesse sentido, os cursos de formação também cumpriam o objetivo de formar politicamente os membros do MNU-GO, com vários temas pertinentes para o aprofundamento na história afro-brasileira, e também debates avançados sobre relações raciais.

É interessante destacar que esse era um seminário voltado apenas para os membros, ou seja, havia uma preocupação com a formação e articulação de militantes em conformidade com debates acadêmicos e atuais. O MNU-GO promoveu seminários e debates voltados para população negra de forma geral, e segundo a entrevistada 7 (2018),

¹⁰ Padre Dário era negro e “novo” na Paróquia Sagrado Coração de Jesus no bairro Vila Nova em Goiânia, foi escolhido pela equipe editorial para falar sobre racismo.

esses eventos não excluía a participação de pessoas brancas, que não podiam participar apenas de locais de decisão, bem como dos seminários internos.

Dentre os eventos abertos para a população estava a “Noite da Beleza Negra”, realizada no final dos anos 1980, foram realizadas duas edições em Goiânia¹¹ e uma em Palmeiras¹². Esse evento tinha como intuito ressaltar a beleza da estética negra e por isso o júri buscava coroar a candidata que exaltasse sua negritude. Segundo a entrevistada 7 (2018), houve uma crítica por parte de outras seções do MNU diante desse evento, pois, já consideravam a questão da exaltação da beleza negra como uma pauta já debatida.

Diante disso, fica evidente a diferença entre o estado de Goiás com outras regiões do Brasil. Pois, a maioria dos entrevistados trouxe a noite da beleza negra como uma ação mobilizadora que conseguiu alcançar a população dentro e fora do MNU, bem como abordava uma pauta que devia ser discutida nesse estado, já que, ainda era necessário trazer para o centro a questão da beleza da mulher negra.

É imprescindível citar o “Encontro Estadual de Mulheres Negras” que ocorreu entre os dias 25 e 27 de novembro de 1988. Nesse evento houve a circulação de cartilhas informativas que esclareciam a forma como o machismo e o racismo operavam na sociedade, a forma como a mestiçagem foi usada para branquear a população e também a questão da mulher negra no serviço doméstico.¹³

Durante os dias 06 a 09 de 2018 foi realizado o Encontro Nacional das Mulheres Negras, em comemoração aos 30 anos do primeiro encontro, no município de Goiânia. O encontro reuniu as maiores lideranças do movimento negro internacional, já que contou com a participação da filósofa e ativista estadunidense Ângela Davis.

Por fim, compreende-se o MNU-GO como um espaço para debates acadêmicos sobre a questão do negro e responsável por tentar difundir esse conhecimento nas universidades goianas, sobretudo a UCG. Todavia, as ações do MNU-GO alcançaram outros setores da sociedade, isto é, atuaram fora do ambiente acadêmico em Quilombos e Ocupações.

Mobilizações com outros setores sociais

Para esse tópico serão abordadas ações do MNU-GO externas as atividades de formação de membros, palestras, seminários e cursos. Nesse sentido, essa parte do texto

¹¹ De acordo com entrevistado 5.

¹² Isso constatei em função de um cartaz do evento no acervo pessoal do entrevistado 6.

¹³ Esse material não será anexado a presente pesquisa, pois, boa parte está ilegível.

vai discutir três das mobilizações que mais apareceram em documentos, fotos e entrevistas: atuação na ocupação Emílio Póvoa¹⁴, ações nos quilombos goianos e atos durante o centenário da abolição e 20 de novembro de 1988.

A Ocupação Emílio Póvoa, de acordo com Castro (2009) surgiu no final da década de 1960, próximo ao córrego Botafogo e era considerada uma área de risco. Se trata de uma ocupação urbana feita por famílias de baixa renda, sem saneamento básico e infraestrutura.

Um dos membros do MNU-GO era presidente da associação de moradores do setor Vila Nova, e ali recebia relatos de adversidades vivenciadas pelos moradores da ocupação Emílio Póvoa (entrevistada 7, 2018). Assim, levar as pautas dessas pessoas à mídia e exigir que fossem assistidas pelo poder público, se tornou uma das pautas do MNU-GO.

O MNU-GO conseguiu a atenção da mídia concedendo entrevistas as emissoras locais para denunciar a situação dos moradores da Ocupação Emílio Póvoa. Além da mobilização junto aos meios de comunicação houve a promoção de campanhas a fim de arrecadar itens alimentícios e de higiene pessoal para os moradores.

Ademais da atuação na Emílio Póvoa, os militantes do MNU realizaram ações nos quilombos do estado de Goiás. A análise sobre os resultados dessa atuação não terá maior aprofundamento porque não foi possível entrevistar a militante do MNU responsável por essas ações. Desse modo, o que foi possível trazer aqui é: a matéria do jornal “NEGRO”, produzido pelo MNU-GO, e fotos da visita realizada pelo movimento, ao quilombo de Palmeiras de Goiás.

O jornal produzido pelo MNU-GO trouxe na capa, como matéria principal, a questão dos Quilombolas da Comunidade Kalunga¹⁵. Diante da leitura desse material, dois motivos são compreendidos como principais para as ações do movimento junto aos quilombos goianos: a primeira é a possibilidade de participar de manifestações culturais afro-brasileiras, a segunda é denunciar a situação de abandono a qual os quilombolas viviam naquele momento.

Figura 1. Capa da única edição do jornal “negro” produzido pelo MNU-Go

¹⁴ Os moradores da Ocupação Emilio Póvoa vivem em casas ou barracos, boa parte sem quintais e comum pequeno espaço dentro de casa ou as margens da marginal Botafogo correndo perigo de morte. (CASTRO, 2009)

¹⁵ Comunidade Quilombola localizada em Goiás próximo ao município de Cavalcante.



Fonte: Acervo pessoal de sujeito da pesquisa.

Assim, para denunciar a situação em que viviam os Kalungas no Jornal “Negro”, o MNU-GO realizou um trabalho de fotografias e entrevistas com os moradores do quilombo. A capa desse jornal demonstra a contradição do quilombo, com a fotografia de um jovem morador, que mostraria o futuro daquela comunidade, todavia a legenda “A vida, a cultura e a história de um ex-quilombo sob ameaça de destruição” demonstra que não haveria futuro para os moradores do quilombo Kalunga que estava sofrendo diversas ameaças.

Manifestações e atos

A última categoria de mobilização abordada no presente estudo, são as manifestações de rua, em especial no centenário da abolição e no dia 20 de novembro de 1988. Acerca dos cem anos de abolição da escravização de pessoas negras a coordenação nacional do movimento organizou diversos atos em todo o país, a fim de difundir a ideia de que a abolição foi falsa e o povo negro segue sendo escravizado.

Em Goiás não foi diferente do restante do país, sendo que houve um seminário aberto para a população que tratou dessa temática. Nesse evento, houve apresentações culturais com dança e música, assim como discursos dos membros do MNU-GO, a fim de apresentar aos participantes da atividade a ideia defendida pela nacional de que houve uma falsa abolição. (Entrevistada 2, 2017)

Diante da ideia de que não houve abolição da exploração da população negra o MNU defendia que não havia motivos para comemorar a data 13 de maio como algo

positivo para a negritude brasileira. Nesse momento o MNU propõe para a população negra que a comemoração seja realizada no 20 de novembro, data estimada da morte de Zumbi dos Palmares, que lutou pela liberdade dos negros.

As manifestações e/ou atos coordenados pelo MNU-GO geralmente ocorriam no centro de Goiânia. Conforme alguns entrevistados, era comum militantes do MNU-GO irem ao centro da cidade, geralmente à praça cívica¹⁶, para realizar falas sobre a situação do negro. Todavia, no centenário da abolição ocorreu uma manifestação maior, com a presença de muitas pessoas além dos membros do MNU e todo o ato foi registrado pela imprensa local.

Nesse mesmo ano, 1988, foram realizados atos do MNU em todo país no dia 20 de novembro, reivindicando o dia da consciência negra que temos hoje como data comemorativa. Em Goiás também foram organizados atos, sobre essa data não houve informações que confirmassem atividades como palestras e atividades culturais como no centenário da abolição.

Figura 2: Panfleto de convocação para ato de 20 de novembro de 1988 e Fotografia do ato.



Fonte: Acervo pessoal de sujeito da pesquisa.

É importante trazer também outros três atos do MNU-GO que foram citados pela entrevistada 2 (2017). A primeira mobilização foi nacional, nas lojas Americanas, a fim de contestar a atitude racista por parte da segurança da loja, que acusou uma cliente negra de furtar uma pasta de dente. No dia seguinte, membros de todas as seções MNU foram às lojas Americanas comprar o mesmo creme dental, em Goiás os militantes não puderam

¹⁶ Praça Cívica é o local onde está a Administração do estado de Goiás, bem como o Palácio das Esmeraldas em que vive o governador.

ingressar na loja, pois, ao chegar se depararam com a polícia que impediu a entrada no estabelecimento.

Os outros dois atos citados pela entrevistada 2 (2017) foram acarretados por episódios de racismo ocorridos em Goiânia. Sendo o primeiro em um supermercado, que ao ver os militantes se aproximando colocaram os funcionários negros como escudo. Já o segundo ato foi contra um restaurante que se recusou a contratar uma candidata à vaga de emprego por ela ser negra, quando os militantes chegaram, a recepção também foi incumbida para os funcionários negros do estabelecimento.

Em suma, a pesquisa de campo realizada conseguiu mapear somente os atos realizados até meado dos anos 1990. Embora não seja uma constatação de que não ocorreram outras mobilizações recentes organizadas pelo MNU-GO, no ano de 2017 e 2018 foram realizados atos para protestar contra o desaparecimento do rapper Kaique Sabotinha¹⁷ e contra o assassinato da vereadora do Rio de Janeiro Mariele Franco, embora não haja informações sobre o desdobramento dessas manifestações. O MNU ressurgiu, então, após a eleição da nova coordenação nacional no ano de 2017, que elegeu Iêda Leal a Coordenadora Geral da nacional, liderança do MNU-GO.

Por fim, foram apresentadas algumas das manifestações organizadas pelo MNU-GO, tanto nos anos 90 como na atualidade. Todavia, é necessário salientar que não existe a pretensão de apresentar todas as manifestações e/ou atos promovidos pelo MNU-GO, mas somente aquelas com maior repercussão no movimento, mídia tradicional e sociedade.

Considerações finais

É importante destacar que o presente estudo não esgotou as ações coordenadas pelo MNU-GO. No trabalho de campo foram realizadas 7 entrevistas e utilizadas 6, já a pesquisa documental foi feita com base no acervo pessoal dos entrevistados 6 e 7. Nesse sentido, ainda que não se compreenda a totalidade dos repertórios do MNU-GO é possível estabelecer reflexões, diante das informações colhidas no trabalho de campo.

Dentre as reflexões possíveis pelo perfil dos militantes, maioria universitários, foi mais acessível promover as discussões no ambiente acadêmico. Ainda que naquele

¹⁷ Kaique Sabotinha foi um rapper de Aparecia de Goiânia desaparecido, segundo familiares levado após uma abordagem de policiais, houve uma manifestação no dia 22 de dezembro de 2017, cobrando providências sobre o desaparecimento do jovem em Goiânia organizada pelo MNU-GO, familiares e grupos de *hip hop* (JUNIO, 2017).

momento os estudos sobre a questão do negro eram incipientes em Goiás e por isso não havia materiais disponíveis que abordassem essa temática.

Destaca-se que os integrantes do MNU-GO conseguiram realizar diversas mobilizações. O principal objetivo era formação de seus membros e da comunidade negra, todavia levavam as discussões raciais a comunidade por meio de panfletagens, participação em jornais da grande mídia, promoção de seminários de formação, atos públicos em datas específicas, etc.

É perceptível que as conquistas do MNU-GO são diferentes do restante das seções do MNU, porque aqui foi necessário inserir o debate sobre questões raciais, até então ignorado pela academia e pela mídia tradicional. Além disso, o papel do MNU-GO foi de suma importância para denunciar a situação dos moradores da ocupação Emílio Póvoa e dos quilombos em Goiás. Sendo que a discussão sobre os quilombolas foi colocada inicialmente no nosso estado e depois inserida no restante do país, por meio das discussões sobre as agendas das seções.

Por fim, concluímos reiterando que essa pesquisa não é definitiva e não pode ser considerada como acabada, mas sim, como um estudo a ser continuado. A necessidade de se organizar em movimentos sociais é urgente, ao contrapasso que a escassez de registros sobre a atuação desses movimentos pode fazer com que suas pautas, lutas e conquistas caiam no esquecimento – e esse não é um lugar aceitável para aqueles que lutam pelo fim das desigualdades.

Referências

CASTRO, Vania Cecília Beirigo. *Impactos ambientais no espaço urbano de Goiânia: Um estudo sobre a invasão Emílio Póvoa*. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, Universidade Estadual de Goiás (UEG), 2009. Disponível em: <http://www2.unucseh.ueg.br/bibliotecaunucseh/acervo/monografias/graduacao/geografico/ano/ano_2009/tccgeo_invasao_emilio_povoa_casiro_2009.pdf>. Acesso em: 22 mar.2017.

FERREIRA, Danilo Cardoso. *Diferenciação e segregação racial em Goiânia: Representação cartográfica dos dados de cor ou raça e renda (IBGE, 2010)*. 2014. 110 páginas. Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Goiás. Goiânia. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/4771/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Danilo%20Cardoso%20Ferreira%20-%202014.pdf>>. Acesso em: 01 mai.2017.

JUNIO, Jerônimo. *Manifestantes cobram respostas sobre o desaparecimento do rapper Sabotinha*. Sagres 730 AM. Publicado em: 22.12.17. Disponível em: <<https://sagresonline.com.br/noticias/seguranca-e-justica/78328-manifestantes-cobram-respostas-sobre-o-desaparecimento-do-rapper-sabotinha>>. Acesso em: 19 fev

.19.

MCADAM, D; TARROW, S.; TILLY, C. *Para Mapear o Confronto Político*. N. 26, São Paulo: Lua Nova, 2009.

Movimento Negro Unificado. *1978 – 1988 10 anos de luta contra o racismo*. São Paulo: Confraria do Livro.

_____. Estatuto do Movimento Negro Unificado. Lauro de Freitas- BA, 2006. Disponível em: <<https://movimentonegrounificadoba.files.wordpress.com/2013/10/estatuto-do-movimento-negro-unificado.pdf>>. Acesso em: 10.jan.2018.

_____. Programa de Ação do Movimento Negro Unificado. Belo Horizonte – MG, 1990.

Movimento Negro Unificado Goiás. *Jornal Negro*. Ano: 1, N. 1. Goiânia – Goiás. Novembro de 1988.

PAIXÃO, Marcelo (Org.). *Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil: 2009-2010*. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

SANTOS, Cleito Pereira. Situação Nacional e Perspectiva Política MNU. Pesquisa de campo.

VIANA, N. *Movimentos Sociais*. Florianópolis – SC: Bookess, 2015.

Resumo: Este artigo analisa a trajetória do Movimento Negro Unificado em Goiás (MNU-GO). Para tanto, foi realizada a análise de entrevistas feitas com alguns dos militantes, os quais atuaram e ainda atuam nessa ramificação do movimento negro, como também, através da avaliação crítica dos documentos. Finalmente, compreende-se aqui que a fundação do MNU-GO inaugura a atuação do movimento negro urbano em Goiás.

Palavras-Chave: Racismo; MNU; Goiás; Mobilizações.

Abstract: This article analyze the trajectory of the Unified Black Movement in Goiás (MNU-GO). For that, the analysis of interviews with some of the militants, who acted and still act in this branch of the black movement, was also analyzed, as well as through the critical evaluation of the documents. Finally, it is understood that the foundation of the MNU-GO inaugurates the performance of the urban black movement in Goiás.

Keywords: Racism; MNU; Goiás; Mobilizations.